

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz

Correspondentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Povoas e Paço, Vilarinho, Mataduros, Taboira, Esgueira, Angeja e Sarrazola (Cacia).

Fundador: J. J. Nunes da Silva

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Redactor principal: **A NIBAL CRUZ**

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA

Série de 50 números	24\$00
Série de 25 números	12\$00
Estrangeiro; 50 números	50\$00
Colónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

Não se restituem quaisquer originais, quer sejam ou não publicados.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—**QUINTÃ DO LOUREIRO**
(CACIA)

Não se aceitam originais contra a vida particular de qualquer indivíduo

A Ilha de Timor foi invadida

Depois de ter reunido o Conselho de Ministros, no dia 17, que se ocupou de graves acontecimentos ocorridos na colónia de Timor, foi convocada para o dia 19 a Assembleia Nacional, onde o sr. Presidente do Conselho Doutor Oliveira Salazar leu a seguinte exposição sobre os acontecimentos:

1.º—Não pedi a palavra hoje para fazer um discurso, mas só para ler à Assembleia uma exposição de factos. O Conselho de Ministros em nota publicada na imprensa aludiu a acontecimentos graves que se teriam dado na parte portuguesa da ilha de Timor. Com efeito, na manhã de quarta-feira um corpo de tropas, ao que parece, australianas e holandesas tinha desembarcado à força em Dili, com a invocada razão de defender a colónia de imminente agressão japonesa. O Governo não sente a menor hesitação em dar ao País, por intermédio desta Câmara, conhecimento completo dos factos verificados até este momento.

Deixa-se em silêncio a campanha feita em certos sectores da imprensa mundial há algumas semanas acerca de Timor e das preocupações que causava a política portuguesa de valorização da colónia—campanha entre interessada e ridícula, em que estão envolvidas pretensões a monopolios não obtidos e o pavor da infiltração japonesa, constituída por catorze subditos nipónicos. Deixa-se tudo isso em silêncio e relatam-se apenas os antecedentes imediatos da questão.

2.º—Em 4 de Novembro findo o Secretário de Estado britânico para os Negócios Estrangeiros ocupou-se em conversa com o Embaixador de Portugal em Londres, da posição estratégica fundamental de Timor em relação à Austrália, pelo que o Estado Maior Imperial era obrigado a preocupar-se com a defesa da ilha. O F. O. punha ao Governo Português as três questões seguintes:

a) Qual a atitude do Governo Português no caso de ataque japonês a Timor?

b) Está o Governo Português disposto a aceitar a ajuda britânica nesta hipotese?

c) Caso afirmativo, não haveria vantagem em fazer estudar um plano de acção comum?

A nossa convicção era que um ataque japonês à possessão portuguesa de Timor não devia considerar-se provável: não só se lhe opunham as nossas cordiais relações com o Império nipónico, como não se lhe via razão

estratégica, pelo menos antes de terem sido dominadas as bases de Singapura, Batavia e Filipinas e livres os mares para o avanço japonês em direcção ao sul. Mas nessa hipotese não parecia que o Japão necessitasse do Timor português para atacar a Austrália. Em todo o caso, prevendo-se por excesso de prudência todas as eventualidades e dado o jogo da aliança inglesa, o Governo não teve dúvida em mandar dar as respostas seguintes:

a) O Governo Português, como em relação a qualquer outra parte do território metropolitano ou colonial e em relação a qualquer agressor, resistirá pela força a uma eventual agressão japonesa em Timor;

b) Dada a intenção de resistir, o Governo não só aceita a ajuda britânica, como espera, nos termos dos tratados de aliança, que a Inglaterra o auxilie na defesa da colónia, tanto mais que não havendo da parte do Japão qualquer razão contra Portugal, o ataque, a dar-se, só poderia ser consequência da nossa situação de aliados da Inglaterra ou como meio de ulterior ataque a posições do Império Britânico;

c) O Governo considera vantajosa a troca de impressões ou estudo de qualquer plano de acção. E como se revelasse impraticável ter em Londres as necessárias conversas, para a eventual prestação de auxílio, mudou-se de orientação.

3.º—Em 2 de Dezembro o Governo Britânico registava com satisfação a nossa resposta e comunicava que, tendo consultado sobre o assunto o Governo da Austrália, este recebera com o máximo agrado a notícia da atitude do Governo Português. Propunha-se que um oficial português fosse enviado a Singapura para, em conferência com representantes ingleses e australianos, fazerem os estudos pormenorizados que se tornassem necessários no comando em chefe do Extremo Oriente. Além disso em atenção ao interesse do Governo Holandês nas Índias Orientais, considerava-se desejável a presença e intervenção nas discussões de um representante neerlandês, se o Governo Português julgasse de aceitar a sugestão.

Dois dias depois, em 5 de Dezembro o Embaixador de Portugal estava autorizado a comunicar que o Governo Português nenhuma objecção opunha a enviar um oficial a Singapura para discutir com os representantes do Alto Comando Britânico a questão da defesa de Timor para a eventualidade de um ataque japonês contra aquela colónia. Quanto ao representante holandês, visto que as actuais relações de aliança entre o Império Britânico e os Países Baixos não eram extensivas a Portugal pelo facto da nossa aliança com a Inglaterra não parecia razoável tomasse parte nas nossas discussões, mas o oficial português não teria dúvida—para isso receberia instruções—de se pôr em contacto com o representante das Índias Neerlandesas e tratar com ele de eventualidades que pudessem afectar a parte holandesa de Timor e consequente repercussão no Timor português.

A mesma resposta se deu em Lisboa ao Encarregado de Negócios da Holanda, que naquele dia 5 apresentava idêntica pretensão ao Governo Português em nome do seu Governo, reforçado o pedido com o empenho pessoal do seu Ministro. (O sr. Van Kleffens fora recebido em Lisboa pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros com cordialidade e a cortesia devida à sua categoria e alto valor pessoal).

4.º—Em 8 o encarregado de Negócios da Holanda exprimia o alto apreço do seu Governo pela nossa resposta. E ao mesmo tempo estimava saber se o Governo Português estaria disposto a aceitar, no caso de ataque ao Timor português, o auxílio das tropas australianas e holandesas concentradas no Timor holandês. A consulta porém não podia ter resposta imediata, primeiro, porque constituía uma antecipação sobre as apazadas conversas de Singapura; segundo, porque se ignorava se o auxílio prometido pelo Governo Britânico seria exactamente constituído por aquelas forças ou por outras. Para a hipotese, porém, de ataque tão rápido que não pudessem realizar-se as conversações de Singapura, seriam então necessárias conversas entre as autoridades locais. Era nossa intenção aceitar este auxílio, se em caso de ataque subitâneo fosse possível receber outro do Governo Inglês ou por sua ordem.

5.º—O Governo Inglês foi informado daquela diligência e da posição tomada pelo Governo Português. O Governo Inglês não conhecia a diligência holandesa, mas, reconhecendo por um lado o bem fundado da posição do Governo Português e por outro a impossibilidade que poderia verificar-se de distrair, em caso de ataque súbito a Timor, outras forças britânicas do Extremo Oriente, inclinava-se para oferecer ao Governo Português, em cumprimento das suas obrigações de aliado, o auxílio de tropas holandesas e australianas concentradas na parte holandesa de Timor.

Efectivamente, no dia 11 em

Londres e em 12 em Lisboa, o F. O. e o Embaixador de Inglaterra comunicaram oficialmente que a ajuda britânica oferecida para defesa de Timor, em execução da aliança e para o caso de ataque ou agressão subitânea à nossa parte da ilha seria prestada por forças australianas e holandesas, retirando-se estas logo que a sua presença não fosse necessária. Pedia-se se enviassem instruções ao governador de Timor para se concertar com as autoridades locais e invocar tal auxílio ou aceitá-lo sem necessidade de instruções de Lisboa caso se produzisse ataque subitâneo. Prometeu o Governo enviar imediatamente ordens para Timor no sentido desejado, mas, porque na conversa havida em Londres se notasse uma palavra de sentido pouco claro, avisou-se o Embaixador naquela Corte para que não deixasse subsistir o espírito do Governo Inglês a menor dúvida sobre que a colaboração de forças estranhas só se efectuará em caso de ataque, não podendo ter carácter preventivo, como talvez *in loco* desejassem. E parecia ainda ao Governo Português que a questão por sua importância e novidade deveria constar de documento escrito, sem prejuízo de se proceder desde logo como se a oferta nos tivesse sido feita por aquela forma.

Ao fazer-se em Londres a comunicação de que o Governo havia já mandado instruções para Timor, foi participado ao Embaixador terem igualmente sido transmitidas ordens ao comando das tropas australianas para entrar em contacto com o governador de Timor.

6.º—As instruções enviadas no mesmo dia 12 para Timor indicavam ao governador que deveria dirigir-se ao governador holandês para concertarem o auxílio a receber por nosso lado das forças australianas e holandesas. O governador deveria obedecer estritamente negociações aos princípios seguintes:

a) O auxílio a prever é o que nos é devido pelo Governo Britânico por força dos tratados de aliança e que o mesmo Governo torna efectivo por meio de tropas australianas ou holandesas sob as ordens do Alto Comando Inglês;

b) A hipótese a prever é somente o ataque japonês a Timor, não podendo funcionar o acordo no caso de simples ameaças ou receios mais ou menos fundados;

c) A colaboração das tropas estranhas não tem carácter de reciprocidade, salvo se, por ataque japonês contra o nosso território tivermos já perdido a nossa neutralidade;

d) As tropas de auxílio retirar-se-iam logo que a sua presença não

fosse necessária;

(e) Não se devia perder de vista que o ataque ao Timor português, a verificar-se, não podia provir de causas que directamente nos respeitassem e ao Japão, mas talvez só do facto da nossa aliança com a Inglaterra e pela nossa situação em relação à Austrália;

f) Sendo princípio geral defender os nossos territórios quando atacados, devíamos ter presente no caso em questão a importância que a defesa revestia para segurança do Império Britânico.

7.º—Entretanto, nos dias 9, 11 e 12 aviões australianos sobrevoadam por várias vezes Timor, e especialmente Dili, violação injustificável do nosso território, com perigo evidente para a neutralidade portuguesa. Mandou-se fazer em Londres o devido protesto e manifestar a esperança de que cessassem os abusivos vôos.

8.º—Em 15 de Dezembro à noite foi finalmente entregue ao Embaixador de Portugal em Londres a nota com a oferta do auxílio britânico: o Governo Inglês declarava-se preparado, em virtude das antigas alianças, a oferecer e organizar imediata assistência ao Timor português, por meio de forças australianas e de forças holandesas suas aliadas. Se o oferecimento fosse de aceitar pelo Governo Português, o Governo Inglês sugeriria que o Governo Português autorizasse imediatamente o governador de Timor a pedir a assistência britânica na forma indicada. Entendia-se que apesar disso se devia manter o convite para as conversações de Singapura.

9.º—Ora no dia seguinte, 16, de tarde, o Embaixador de Inglaterra comunicava no Ministério dos Negócios Estrangeiros a informação do seu Governo de terem aparecido submarinos nas proximidades de Timor, pelo que havia sido marcada uma entrevista com o governador de Timor para a manhã seguinte. Uma força de tropas do lado holandês aproximava-se já de Dili para estar pronta a evitar um desembarque inimigo. A questão foi então mais uma vez posta com toda a nitidez e de modo que o Embaixador não pudesse ter dúvidas de que se estava fora do plano das apazadas negociações, pois o Embaixador nunca se referira a outra hipótese que não fosse a agressão e o Governo Português nunca admitira, como fundamento do auxílio, alegados perigos ou receios, que os factos aliás não legitimavam. As instruções do governador eram expressas e não seriam modificadas; mas não nos recusaríamos a conferência pedida. E expediram-se nesse sentido ordens para Timor. Em virtude da posição do Go-

verno Portuguez, o Embaixador não chegou a apresentar um projecto de declaração conjunta dos dois Governos sobre o desembarque de tropas.

10.º—O Encarregado de Negocios da Holanda fazia no mesmo dia diligencia semelhante; e as duas são paralelas da conversa havida com o Embaixador de Portugal no F. O. Também lá se fez referencia á rápida evolução dos acontecimentos ás tropas preparadas para intervir, ao projecto de nota a enviar para os jornais, que subentendia um accordo, impossivel em tais termos, com o Governo Portuguez. A argumentação do nosso Embaixador não foi destruida, mas o Subsecretário de Estado declarou «recear que a acção já tivesse sido realizada».

11.º—Em 17 de manhã o Embaixador de Inglaterra, em nova conferencia nas Necessidades, insistiu na sua argumentação anterior, no sentido de defender a colaboração de forças australianas e holandesas, sob fundamento de simples ameaça, tal como estava sendo interpretada pelas autoridades do Timor holandes. Mas tal discussão não poderia ser prosseguida, pois pressupunha um estado de cousas inadmissivel para o Governo Portuguez —o desembarque de forças contra a vontade do Governo, com fundamento em perigos que não estavam demonstrados nem se afiguravam reais. (*Entusiastica ovacão*).

12.º—No mesmo momento em que o Embaixador de Inglaterra procurava ainda em Lisboa convencer o Governo Portuguez a acordar na colaboração de forças estranhas, não só em caso de ataque, mas de simples ameaça á nossa soberania, já em Timor tinham desembarcado as annunciadas forças de protecção. Efectivamente a conferencia que se pedira com o governador nessa manhã não fôra para quaisquer negociações, fôra para o intimar a autorizar o desembarque das tropas. O governador, dentro das instruções recebidas, recusou-se a autorizar o desembarque, ao qual, aliás, se não podiam opor as modestas forças locais. (*Demorados aplausos*).

13.º—As ultimas noticias officiais de Timor são estas. O governador cumpriu as instruções recebidas e protestou telegraficamente perante o Primeiro Ministro da Austrália e o governador geral das Indias Holandesas; a colónia está em perfeita tranquillidade; as forças desembarcadas, parece, tinham a convicção de operar com o accordo do Governo Portuguez e no seu interesse. (*Intensa salva de palmas*).

14.º—O Governo procurou logo esclarecer os factos. As explicações e os sentimentos manifestados já ao Governo Portuguez pelos Governos Britânico e Holandes não podem infelizmente por si sós modificar a situação.

O processo não está pois findo e deverá sê-lo. O Governo informará o P. N. do seguimento que for necessário dar-lhe.

Entretanto continua o estudo que estava fazendo e a preparação dos reforços da guarnição de Timor, como a maneira que se lhe afiguram mais fácil de estabelecer, no que de nós depende alguma calma naquelas longinquas paragens, agora directamente sujeitas ás convulsões da guerra e á sua natural excitação.

15.º—Pretendi apresentar a frisa serie dos factos sobre cuja nudez me absteve de lançar o véu do mais insignificante comentario. Mas não desejaria terminar esta exposição sem tocar duas notas, uma que nos respeita, a segunda que se refere a outrem.

O Governo tem a consciencia de haver-se conduzido com lealdade, com seriedade, com zelo até pelos interesses alheios, com a noção exacta dos deveres da aliança e dos direitos soberanos da Nação. (*Prolongadas ova-*

Necrologia

MARIA MARQUES MOREIRA

Depois de um longo e doloroso sofrimento, acaba de falecer no dia 22 do corrente na sua casa de Mataduchos com 56 anos de idade a sr.^a D. Maria Marques Moreira, extremosa esposa do nosso solicito-correspondente naquele lugar sr. Mário dos Santos Moreira, estimado fiscal dos impostos Camarários, de Aveiro, e mãe dos nossos prezados amigos srs. João, Luís, Manuel e Maria da Glória Marques Moreira.

O funeral da desditosa senhora que em vida era geralmente estimada, realizou-se no dia 23 pelas 16 horas para o cemitério de Esgueira, com a incorporação de muitas dezenas de pessoas amigas não só de Mataduchos e Almeida, como dos lugares circunvizinhos.

No préstito fúnebre, além das irmandades dos referidos lugares e Esgueira, foram incorporadas 6 cordas com as seguintes dedicatórias:

Á minha santa e saudosa mulher, o último beijo deste que pede a Deus pelo teu descanso eterno, já que na terra tanto sofreste.

As preces e orações que com tanto fervor fazemos a Deus sirvam de alívio á tua alma, do teu filho Luis, esposa e filhos.

Mãe amantíssima, as nossas lágrimas que orvalham estas pétalas sirvam de alívio á tua alma, e esta esteja no Reino da Glória. Dos teus filhos Maria da Glória e Manuel.

Á nossa adorada e nunca esquecida mãe, último beijo de seu filho João e esposa.

Preito de saúde da sua muito amiga Maria Rodrigues da Silva Santos e esposo.

Sentida homenagem de Manuel Maria Marques Pêgo e esposa.

Conduziu a chave do ataúde o sr. João dos Santos Moreira, cunhado da finada. A extinta foi vestida á Nossa Senhora da Conceição.

Á toda a família em crêpes, especialmente ao viúvo e seus filhos, apresenta o «Ecos de Cacia», que se fez representar pelo seu Director, sentidas condolencias.

Tratou deste funeral a agência Capela, de Esgueira.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, fica para o próximo n.º muito original, entre elle a secção quinzenal, «Um pouco de tudo para todos», de José da Silva Nunes.

ções). Ele julga-se com o direito de ser tratado pela forma como trata todos os assuntos e designadamente as suas negociações com o Governo Britânico.

O que a nós pequenos e fracos, não é permitido, não o é igualmente aos Governos que dirigem os grandes impérios—não lhes é permitido perder a calma necessária para distinguir os serviços dos agravos. E pela confiança na própria valentia dos seus soldados não de igualdade não confundir a diligencia e a precipitação, a primeira aconselharia porventura a negociar com respeito pelo direito alheio; a segunda levou a invadir o território de um neutro, de um amigo, de um aliado.

As palavras do illustre Presidente do Conselho foram coroadas com estridentes e patrioticas manifestações.

A Assembleia Nacional aprovou uma moção dando incondicional apoio á politica externa do Governo.

Em todo o País vibra a emoção patriótica que os acontecimentos originaram contra a soberania portuguesa.

—Viva Portugal!

Liga da Região do Baixo Vouga

Seria eu o primeiro a acreditar em um fracasso grande se não estivesse convencido ao máximo que há homens da região do Vouga que têm uma vontade enorme a que a Liga da Região do Baixo Vouga seja, no mais curto prazo de tempo, um verdadeiro facto (e digo verdadeiro facto porque, até hoje, nada de útil fez a Liga, que eu saiba) e não um mito como me parece ter sempre sido.

Não é só a boa vontade manifestada por alguns, é preciso acção. E a acção só pode dar os devidos resultados se, para isso, se juntarem todos esses homens de boa vontade e trabalharem communmente em prol da região.

Para isso aqui me tendes também a mim, um novo que quer muito á sua terra. Para trabalhar, sim; para basofiar, nunca. Demais já não estou habituado a falar «de borla»—para me servir de um novo calão alfacinha, muito em voga. Fala-se tanto, escreve-se tanto, têm-se gasto tantas colunas de prosa e, afinal, a Liga continúa a ser o que era e o que tem sido: uma coisa sem valor nenhum. Fale-se menos e trabalhe-se mais. Assente-se em uma reunião breve de todos esses de boa vontade, escolham-se os melhores, os que de facto trabalhem, acabe-se, por uma vez, com os dissídios que haja ou possa haver e mãos á obra. Só assim se conseguirá o que se deseja a todo o transe e o que toda a região do Baixo Vouga espera; ter em Lisboa, na capital, quem por ela alguma coisa faça, pequena ou grande, muito ou pouco. O «Ecos de Cacia», a minha modesta colaboração e tudo o mais ficam, desde já, á disposição de quem quizer empreender essa empresa, trabalhando como deve ser para o bom nome da Liga e comunitariamente para o bom nome da região de que lhe tira o título.

Trabalhando e não falando de mais tudo se faz; falando muito e trabalhando pouco ou nada, como se tem visto, mais vale nunca se pensar em tal assunto.

Um caciense alfacinha

Noticias de Sarrazola

Falecimento.—Pelas 21 horas do dia 21 do corrente, succumbiu repentinamente na sua casa deste lugar a sr.^a Maria Pereira da Silva, de 63 anos de idade, esposa do nosso amigo e estimado marítimo sr. António Júlio Marinhas e mãe amantíssima das sr.^{as} Ana, Emília e Ilda Pereira da Silva.

O funeral da extinta effectuou-se no dia 23 pelas 9 horas, incorporando-se nele 2 sacerdotes, a Irmandade do Coração de Jesus, muito povo e 4 lindos ramos de flores artificiais com as homenagens seguintes:

Ultimo adeus de teu marido, que tua alma descance em paz.

Ultimos beijos de sua filha Ana, marido e filhos, que sua alma esteja no Reino da Glória.

Ultimas lágrimas de sua filha Emília, marido e filhos, pedem a Deus para que sua alma esteja no alto dos Céus.

Ultimas despedidas de sua filha muito amiga, marido e filhos.

Para assistir a este funeral, veio do Entroncamento a filha da extinta, Emília Pereira da Silva, seu marido Amassor Ferreira da Silva e seus filhos, que já retiraram a ocupar os seus lugares.

Sentidas condolencias a toda a família em crêpes.

Anos.—No próximo dia 29 do corrente festeja 16 floridas primaveras a galante mezinha Filomena de Jesus Sequeira, dilecta neta do nosso conterrâneo sr. António Tavares e de sua esposa sr.^a Ana Tavares, residentes neste lugar.

Á aniversariante enviamos os nossos parabéns.

Carteira Elegante

ANOS

No dia 24, em Esgueira, completou 41 aniversários a sr.^a Joana da Silva Castro.

—Hoje, 27, completa 56 aniversários a sr.^a D. Sylvie do Nascimento Paiva Baptista da Silva, extremosa esposa do nosso bom amigo e assinante sr. Celestino Baptista Silva, capitão aposentado, e residentes em Coimbra.

—Amanhã, 28, faz 51 anos a sr.^a Maria Dias Guiomar, esposa do nosso amigo e assinante sr. Manuel Marques Guiomar, de Taboeira e residentes em Lisboa.

—No mesmo dia 28, completa 7 risonhas primaveras o menino Domingos António Rebelo de Almeida filhinho do nosso assinante e amigo sr. António Nogueira de Almeida e de sua esposa sr.^a Palmira Rebelo de Almeida, de Angeja e residentes em Lisboa.

—Em 29, completa 27 aniversários a sr.^a Maria Simões Teixeira, esposa do nosso assinante e amigo sr. José Nogueira Simões, caixeiro de padaria em Tomar, e naturais da Quinta.

—No mesmo dia 29, faz 2 risonhas primaveras o menino João de Pinho dos Santos, filhinho do nosso amigo e assinante sr. Cândido Gonçalves dos Santos e de sua esposa sr.^a Deolinda Dias de Pinho, de Cacia e residentes em Setúbal.

—No dia 30, completa 57 aniversários o nosso estimado amigo e colaborador do «Ecos» sr. Mário dos Santos Moreira, de Mataduchos.

—Também no dia 30, faz 26 aniversários a sr.^a Maria Emília Figueira de Macedo, esposa do nosso assinante e amigo sr. Emídio Pinto de Almeida, industriais de padaria em Alhos Vedros.

—No dia 31, completa 28 anos a sr.^a Elisa Dias de Pinho, esposa do nosso assinante e amigo sr. Domingos da Silva Matos, empregado de panificação em Alhandra.

—Também no dia 31, completa 24 aniversários o nosso estimado amigo e colaborador do «Ecos» sr. José da Silva Nunes, de Lisboa.

—No próximo dia 1, faz 60 anos a sr.^a D. Rosinda Nunes Soares, dedicada esposa do nosso assinante e amigo sr. António Nunes das Neves, de Angeja e residentes em Angeja.

—No dia 2, completa 79 aniversários a sr.^a Rosa Rodrigues da Silva, viúva, sogra do nosso Director e do sr. Manuel Francisco Corujo, industrial de padaria em Algés.

—Também no dia 2, colhe 35 primaveras a menina Joana Nunes Marques, mana do nosso amigo e assinante sr. José Nunes Marques, caixeiro de padaria em Santarém.

A todos os aniversariantes enviamos os nossos sinceros parabéns.

VISITAS

A passar o dia de Natal, esteve na Quinta o nosso assinante e amigo sr. Joaquim da Silva Matos, empregado de padaria em Oliveira de Azemeis.

—Na Quinta está a passar uns dias vindo da Golegã, onde é industrial de padaria o nosso conterrâneo e assinante sr. Henrique Pereira Felix.

—Também a passar o dia de Natal na companhia de sua família, estiveram na Quinta vindos da Golegã onde são industriais de padaria, o nosso prezado amigo e assinante sr. José da Silva Samartinho, que veio acompanhado de sua esposa sr.^a D. Victória Nunes Quinta e seu filhinho.

—Também em Cacia esteve de visita a sua esposa e mais família por trez dias, incluindo o dia de Natal, o nosso antigo e

assinante sr. José Rodrigues Branco, industrial de padaria em Lisboa.

—Também esteve em Cacia no dia de Natal em visita a sua família o nosso amigo e assinante sr. David Euzebio Pereira, empregado na panificação de Coimbra.

—Da Figueira da Fóz, onde é estimado empregado de panificação, cumprimentamos em Cacia no dia de Natal, o nosso assinante e amigo sr. Arnaldo Pereira Quaresma.

NA REDACÇÃO

Na última semana visitaram-nos em nossa redacção os nossos prezados amigos srs. Manuel Rodrigues Teixeira Benção, Adalino de Oliveira, Júlio Nunes dos Santos, Manuel Gonçalves Nunes da Silva e António Gonçalves Teixeira.

Noticias da Povoá e Paço

Pastorinhas.—O cortejo das Pastorinhas, tradição antiga do nosso povo, effectuou-se no dia de Natal. O cortejo era numeroso, enriquecido com roupas antigas que esbeltas tricininhas destas povoações envergavam. Cantos adequados ao acto, sorrisos e graça entoadam nas ruas do percurso das pastorinhas.

Arrematadas as ofertas que renderam 1 920\$00, effectuou-se um baile para todas as pastorinhas em casa do nosso conterrâneo sr. António Duarte Gamelas, da Gândara, abrilhantado pelo conjunto musical Quintagoense, da Quinta do Gato, que acompanhou o cortejo das pastorinhas.

Enquanto a arrematação das ofertas, as gentis tricininhas percorreram as ruas da Povoá e Paço entoando cânticos belos.

A alegria vibrou na alma do nosso povo no dia consagrado de Natal.

Visitas.—Com uma licença de 11 dias, está aqui passando o Natal o nosso amigo e soldado do Regimento de Artilharia de Costa em Paço d'Arcos, sr. Júlio Nunes dos Santos, que deverá recolher áquella unidade no próximo dia 27 do corrente.

—A gosar uma licença de 10 dias, encontra-se neste lugar o militar de artilharia ligeira em Coimbra, nosso conterrâneo sr. Moisés Marques Pereira.

Doente.—Muito enferma, encontra-se retida no leito já há dias a nossa conterrânea sr.^a Joana da Oliveira, da Povoá.

Anos.—No último dia 26 do corrente completou 30 aniversários o sr. Domingos Alves Gomes da Rocha, tanoeiro local.

Parabéns ao nosso amigo.—C.

Bodo aos pobres

Pelo facto de ainda não termos recebido algumas das listas que esperamos receber de pessoas amigas dos desprotegidos da nossa terra, e em harmonia com o «Club Recreio Caciense», que deveria distribuir identico bodo aos mais necessitados de Cacia, Sarrazola e Quinta, no dia de Natal, resolvemos adiar o nosso bodo para o próximo dia 1 (Ano Novo).

Esperando, pois, que todos a quem enviamos listas, no-las enviem até ao próximo dia 30.

PADARIA

TRESPASSA-SE uma pelo motivo do falecimento do seu proprietário.

Quem pretender dirija-se á viúva de Acácio Dias Seabra, Rua da Arrochela—Aveiro. (2)

Notícias de Angeja

Nascimento.—Com um feliz parto deu há luz no dia 18 do corrente, no Fontão, uma criança do sexo masculino a sr.^a Amélia da Silva, esposa do sr. Domingos Dias Nogueira.

Visitas.—Acompanhada de seu marido estiveram na última semana no solar do Fontão passando uns dias a sr.^a D. Maria Cândida Castro, respectivamente genro e filha do Sr. Dr. Augusto de Castro, Director do «Diário de Notícias» em Lisboa.

—Vindos da capital, onde é benquista industrial de padaria, estão no Fontão a passar o Natal, o nosso prezado amigo sr. João Gonçalves de Oliveira, sua esposa e filhos.

Estadas.—Da Póvoa do Varzim, onde está cumprindo o tempo de militar, encontra-se aqui a passar 8 dias de licença o nosso amigo sr. Manuel Nunes da Silva.

—Vindos de Castanheira de Pera, onde é sócio com o nosso conterrâneo sr. Constantino Nunes da Silva à Padaria Aveirense, naquela vila; estão em S. Marceia a passar uns dias na companhia de sua família o sr. Mário Dias Vidal, sua esposa e filha.

—Também ao Fontão já regressou de Lisboa onde esteve uns dias, o sr. Cesar Gonçalves.

Baile.—No último dia 21 abrihantado por um grupo musical cá da terra, realizou-se um imponente baile na Associação Instrução e Recreio Angejense, que esteve largamente concorrido.

Aos promotores as nossas felicitações.

Doentes.—Em S. Marcos, devido a um desastre que teve, já se encontra quasi restabelecido o sr. Egberto Vidal.

—Também no lugar do Fontão está quasi restabelecido dos seus padecimentos o sr. António Pereira.

Lactário.—Com regularidade, está funcionando o nosso lactário, distribuindo meio litro de leite a cada um dos mais necessitados angejenses.

Pastorinhas.—Como nos anos anteriores vão realizar-se no dia 1 de Janeiro nesta freguesia as tradicionais festas das Pastorinhas que, ao que nos dizem, vão ser revestidas de novos números, dando às mesmas o realce de que as mesmas carecem.

Louvamos, pois, a comissão organizadora.—C.

Notícias de Taboeira

Nascimento.—Com um parto muito atrapalhado, deu há luz no último dia 24 um robusto bebé do sexo feminino a sr.^a Maria Arminda Simões dos Santos, esposa do nosso amigo sr. António Martins da Costa.

Tanto a mãe como a recém-nascida encontram-se agora felizmente, gosando saúde.

Estadas.—Numa visita por 3 dias, com retirada no dia 26, esteve aqui vinda do Porto a gentil menina Carminda dos Santos Oliveira, que se fez acompanhar de seu sobrinho Manuel João dos Santos Oliveira, filho do nosso amigo sr. João dos Santos Oliveira, empregado na panificação daquela cidade.

—A passar uns dias, está aqui vindo de Coimbra, onde está cumprindo o seu tempo de militar no Regimento de Artilharia n.º 2, encontra-se aqui o nosso amigo sr. Américo Simões dos Aidos.

Retiradas.—A passar o Natal com seu pai sr. António Gonçalves, empregado de padaria em Lisboa, retirou-se daqui no último dia 21 a galante menina Maria Marques Gonçalves.

—Para Coimbra, onde foram passar uns dias com seu irmão, e cunhada, retiraram-se daqui a simpática menina Aurora Marques Nogueira e seu irmão António.—C.

EM

CACIA

No dia 6 de Janeiro de 1942

realiza-se o tradicional cortejo

DOS

Santos Reis

Respeitando a Tradição que até aos nossos dias soube conservar hábitos e costumes que constituíram, e mui justificadamente, o orgulho dos nossos antepassados, e são, hoje, para nós, motivo de saudosas evocações,—realiza-se no dia actua designado, na nossa terra, o CORTEJO DOS SANTOS REIS, ao qual o «GRUPO MUSICAL CACIENSE» e o povo da Região dará, como outrora, o seu admirável concurso. Para isso, elaborou-se o seguinte:

PROGRAMA

O «GRUPO MUSICAL CACIENSE»,

pelas 9 horas, irá a Vilarinho a fim de acompanhar as pastoras da Póvoa e reuni-las às daquele lugar; dali, em cortejo, dirigir-se-ão tódas para o largo da capela de S. Tomé, em Sarrazola, onde se encontram com as deste lugar. Reunidas, assim, as pastoras da Póvoa, Vilarinho e Sarrazola, o cortejo seguirá em direcção à capela de Santo António do Rêgo em Cacia, onde, finalmente, se juntam às pastoras de Cacia e Quintã do Loureiro.

Após o aparecimento do Rei Melchior e seu séquito, dar-se-á início à comvente cena do encontro desse Rei do Oriente com o sábio e prudente Rei Gaspar. Em seguida fará o seu saímento o majestoso

CORTEJO DOS SANTOS REIS

que seguirá pela rua Conselheiro Nunes da Silva até ao largo do Espírito Santo, onde se dará a cena do desaparecimento da Estrela que guiava os Reis Magos, havendo as costumadas cerimónias sempre tão cheias de interesse para o público.

De novo posto em marcha, o cortejo seguirá

para o lugar do Cabeço, onde irá surpreender próximo à Fonte, uma sentinela da Guarda Romana, que, imediatamente, comunicará a Herodes, o Grande, a presença de estranhos junto às suas muralhas. Herodes, irritado, manda o seu escravo Singo prender os Santos Reis, o que dará lugar a tocantes cenas de que nos fala a Tradição.

Findo o interrogatório dos Reis do Oriente, Herodes dá-lhes liberdade, pondo-se por isso novamente, o cortejo em marcha, até à capela de S. Bartolomeu de Sarrazola, donde se dirigirá para o largo do Cruzeiro, sendo dado, então, ao público presenciar a alegre cerimónia da aparição do Anjo Gabriel anunciando ao pastor Semião o Nascimento do Menino.

Durante o percurso as pastoras entoarão lindos cânticos adequados ao acto, acompanhadas de uma excelente orquestra.

Depois de recolhido o cortejo, o Senhor Prior dará o Menino a beijar, seguindo-se a arrematação das muitas e valiosas ofertas, que todos os habitantes desta laboriosa e importante freguesia, costumam oferecer.

A COMISSÃO.

CACIENSES:

Ajudai a Comissão das Pastorinhas a levar a efeito a obra de melhoramentos que tem realizado na nossa Igreja, porque essa obra deve-se ao produto das vossas ofertas.

Erratas

Na secção «Remogues» do último n.º, saiu no 1.º daqueles, um «pois» e um «mas» a mais, que nos desculpe Sêca & Méca.

Agressão

Pelo facto de até à data ainda não ter sido esclarecido quem foi o autor ou autores da agressão de que foi vítima a sr.^a Carmen, criada da sr.^a Custódia Farinheira, do Cabeço, conforme notícia que demos no último n.º deste jornal, notícia esta que até agora existe na obscuridade da própria confissão—pois nós apenas nos cingimos à versão que nesse dia 18 correu em Cacia—, encontra-se detido na policia de Aveiro para averiguações o sr. Jaime da Costa Santos.

Aguardamos o resultado da investigação, pois segundo nos dizem, parece que há mais culplices no caso.

Notícias de Vilarinho

Pergunta à Junta de Freguesia de Cacia!—O povo de Vilarinho clama: «Então a Junta não manda retirar estes montes de terra da limpeza das valetas?» Não sei, é a resposta que todos obtem desta pergunta. Outra melhor ainda: «Então ela não deixa nós tirarmo-la?» Pois não, só a gente pagando os dias ao cantoneiro, 8\$00 por dia.

E' isto, senhora Junta? Nós não sabemos como falar, atendendo o povo daqui. A vergonha tapa nos a bôca, e mais vergonhoso é, metendo-se o inverno, ver as nossas ruas completamente numa piscina de lama, sendo preciso para algumas delas botas até ao joelho.

A' a vergonha de Vilarinho! **Estadas.**—Vinda de S. João do Estoril, onde tem a sua residencia, está em Vilarinho a passar uns dias na companhia de sua família a sr.^a Rosa Gomes da Silva, esposa do nosso preza-

OURIVESARIA VIEIRA

Sucessor de Almeida & Alves

Rua José Estêvão, 1 — AVEIRO

Compra — Venda de ouro, prata, jóias e relógios
Oficina para reparação de ouro, prata, relógios,
tudo da forma mais perfeita e rápida.

Secção de óptica

venda de óculos de tódas as graduações e por
receita médica.

A máxima correcção em tódas as transações.

do amigo e assinante deste jornal sr. Eurico Marques Teixeira.

—Também vindo de Lisboa, onde é empregado na panificação, está neste lugar um pouco acomodado de saúde, o nosso estimado amigo sr. Joaquim Rodrigues Teixeira.

—A passar o Natal está aqui o nosso amigo sr. Clemente Ferreira, empregado em Leiria.

Grupo Excursionista «Os Es-

gota Pipas.—Este grupo local, projecta o itinerário do seu passeio a realizar em breves dias devido a encontrar-se neste lugar desde o ultimo dia 21 o componente ausente na capital.

Ainda bem que «Os Esgota Pipas», só todos juntos sabem passear e bebericar a «pinga» verde da nossa região.

Cumprimento-los, e avante com «Os Esgota Pipas».—C.

Construção de Padarias**MANUEL RODRIGUES NOGUEIRA**Construtor de fornos para Padarias
BORRALHA — ÁGUEDA

Encarrega-se da construção, em todos os sistemas, de fornos de padarias; fornecendo tôdas as ferragens, masseiras, taboleiros e o restante para padarias.
Encarrega-se de tirar qualquer planta com prontidão e seriedade. Não temendo competidor. (449)

Agência de Procuradoria Comercial

Cobranças de dívidas
Contribuições e Impostos
Horários de trabalho
Arendamentos
Todo o serviço forense
Antiga Rua da Sé, 6-8
AVEIRO

VINHO DO PORTO**Rainha Santa**

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:
Rodrigues Pinho (423)
A' venda em tôda a parte. — GAIA — PORTO

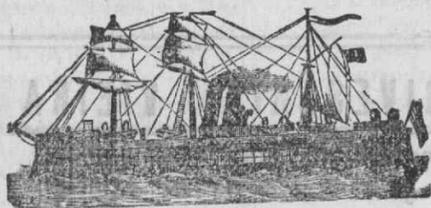
VINHO FRANCO**(Vinho Nutritivo de Carne)**

Poderoso restaurador das forças perdidas. Um cálice deste vinho representa um bom bife.
FARMÁCIA FRANCO FILHOS
Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA (261)

Moveis e decoraçõesDA FÁBRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.^a ainda não visitou esta casa, faça-o, porque não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701 — Marquez de Pombal
(69) Telefone 2640 PORTO

V A G O**AGENCIA COSTA****PRAÇA-ESTARREJA**

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, América do Norte, França e África e trata de tôda a documentação legal para estes portos. Responde-se a tôda a correspondência. (457)

V. Ex.^a pode-se convencer!

De que para obter bons retratos só se pode conseguir
NA **FOTOGRAFIA PINHO**
Rua Marquez de Pombal — ANGEJA
De resto nada mais se diz!

Neste moderno e bem instalado atelier executa-se todo o bom serviço. Agente revendedor devidamente legalizado do material «AGFA», Trabalhos feitos aos srs. amadores. Garante-se todo o serviço e não se recebe confrontos.

AMPLIAÇÕES,
ESMALTES, ETC.

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alivios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema, humido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.
A' venda em todas as farmácias e drogarías
Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd.^a
Rua da Prata, 237 — LISBOA (70)

Pensão Avenida

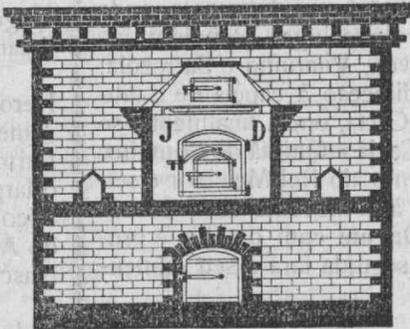
(294) de — BRUNO DA ROCHA
Expeditos e higiênicos quartos. Armazem de mercearia e cereais por junto e retalho.
Largo da Estação — AVEIRO — Telef. 128

Empreza Industrial de Tintas, L. da

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA
TELEFONE BELÉM 669 — PORTUGAL
Agente no Norte do País **Guilherme M. Coelho**
RUA DA VITORIA, 56 — PORTO
Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de impressão em cores e preto; massas para rolos e vernizes tipo-itográficos (163)

Oficina de Carpintaria de masseiras para Padarias e Construção de fornosde **JOSÉ DIONÍSIO** (385)
BORRALHA — ÁGUEDA

Aos Srs. Industriais de Padaria!



Esta casa é que melhor satisfaz com perfeição e solidez todos os trabalhos referentes a padarias; fornos modernos, masseiras, taboleiros, e todos os utensílios que pertence.

Máquinas de costura SINGER

e outras desde 200 a 1.500\$00 afiançadas

A casa que mais barato vende em todo o País.
Grandes descontos aos srs. revendedores
(100) Calçada de Santo André, 74 — LISBOA

Oficina de Fogo de Artificio

de — **José Soares Calçada** (239)
Tarei de Souto — Vila da Feira
Nesta acreditada casa executam-se os mais artísticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc, etc.

GRANDE SERRALHARIA**João Bolais Monica**

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de serralharia, tais como: moinhos de água, vento e gado, carros volantes, etc. etc. (211)

Agência Funerária Capelade **AMÉRICO DIAS CAPELA** (183)

Esta agência trata de qualquer funeral desde o mais simples ao de maior pompa, em caixões ou urnas de mogno, em qualquer terra do País e por preços módicos, desde que para tal seja requisitada. Tem sempre em depósito para venda e aluguer todos os parativos que dizem respeito aos mesmos.
Chamadas pelo telefone Público — ESGUEIRA

Fotografia Lisboa

Praça Francisco Barbosa — ESTARREJA

Nesta antiga fotografia executam-se com perfeição todos os trabalhos fotográficos. Quem precise de tirar retratos, fazer ampliações, esmaltes ou qualquer outro trabalho fotográfico, deve procurar esta acreditada casa.

Venda de máquinas fotográficas, e Cine Kodak para amadores. Venda de rolos, Films Pack e para a Cine-Kodak, Leica e todos os acessórios para fotografia e cinematografia.
Revendedor autorizado da Kodak e Agfa.

HERPECURA

para:

Infecções da barba, impingens e demais doenças da pele.

Peça já este produto à

FARMACIA MODERNA

::: de :::

(510)

Telefone 65

José Pinto

AVEIRO

CASA ABRANTES**JOAQUIM SANTOS ABRANTES**

Filho de ALBANO ANTÓNIO ABRANTES

(Telef. 47 çaviso) = BORRALHA - ÁGUEDA

Aos Srs. Industriais de Panificação compete ver para si. Grande baixa de preços na casa de Joaquim dos Santos Abrantes, filho de A. A. Abrantes. Construtor de fornos para padarias, de qualquer sistema, fornece ferragens, masseiras, taboleiros e todos os restantes utensílios para as mesmas.

Satisfaz com prontidão e seriedade todos os pedidos dos seus clientes, tendo estes o direito de reclamar contra qualquer serviço que não esteja ao seu agrado.

Encarrega-se de tirar projectos para fornos novos. Prefira sempre no seu próprio interesse esta acreditada casa, porque a sua divisa é prontidão e seriedade.

Agência Funerária**António M. da Cunha**

A casa que à mais de 50 anos se encontra ao serviço da nossa e outras terras, tendo sempre em depósito: Urnas para jazigos e para a terra, caixões modestos e de luxo, armação para igreja e casa, cortas novas e de aluguer, mantos e vestidos, bem assim como todos os acessórios pertencentes à sua arte.

Chamadas telefónicas para o 2.º posto público.

(437) **Rua da República CACIA****Levedura Nacional**

SELECIONADA

A preferida pelos bons panificadores

A que garante mais rendimento e mais consistência às massas para PÃO

A melhor para Panificação e Pastelaria

Séde da (11)

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLONIAS

Rua Jardim do Tabaco, 74 LISBOA

ESCOLA CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS**DE JOÃO FERREIRA**

Leeiona por contrato ou à hora, Senhoras e Cavalheiros ::::



Trata da condução e seguro (435)

Residência: Em LISBOA
Rua Jôgo da Bola, JPM Trav. S. João da Praça, 88
MOSCAVIDE Telef. 2 8055

BICICLETAS**ACESSÓRIOS**

PNEUS «Michelin» Velo

ARMANDO CRESPO

(397)



116, R do Crucifixo — Telef. 27027 — LISBOA

Aos Srs. industriais de Panificação!**MANUEL RODRIGUES MIRANDA**

BORRALHA — ÁGUEDA (450)

Este é que faz fornos de todos os sistemas para Padarias e Pastelarias, com reguladores de calor, o mais aperfeiçoado que existe. Grande e valiosa economia de combustível, assentam-se azulejos, ladrilhando-se fornos, modificam-se chaminés e fornos antigos para sistema moderno. Fornece ferragens para os mesmos e caldeiras de cobre, estanhadas por dentro, para conservação de água quente e limpa. Executa todos os seus trabalhos com perfeição e solidez e a preços muito reduzidos, sem igual competidor.

Se quereis ficar bem servidos, com bastante economia, procurem sempre esta casa.